

# Sobre a brevidade da vida

Lucius Annaeus Seneca

# Lê. Aprende. Cresce.

Este documento foi baixado de InfoLivros de forma legal, e isso é incrível!

Em InfoLivros, nos esforçamos incansavelmente para que livros excepcionais estejam disponíveis gratuitamente para todos.

**Mas este livro não é o final...**



**Milhares de Livros Grátis:** Com mais de 3.500 livros em nosso catálogo, sua próxima grande leitura está esperando por você. Procura inspiração, aventura ou



**Sem Custos, Sem Complicações:** Em InfoLivros, acreditamos no acesso livre e fácil ao conhecimento. Todos os nossos livros estão disponíveis sem nenhum custo e sem necessidade de registro. Sim, é tão simples assim!



**Descubra e Aprenda:** Mergulhe em nossa ampla variedade de temas e encontre exatamente o que você precisa. Desde clássicos literários até livros contemporâneos, nosso conteúdo é projetado para enriquecer sua mente e espírito.

**Para ler e baixar  
livros grátis, visite**

**InfoLivros**



[infolivros.org/livros-pdf-gratis/](https://infolivros.org/livros-pdf-gratis/)

[1] 1 A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malignidade da natureza, porque somos gerados para uma curta existência, porque esse espaço de tempo que nos é dado transcorre tão veloz, tão rápido, que, com exceção de bem poucos, os demais a vida os deixa exatamente nos preparativos para a vida. E não é, conforme opinam, só a massa de insensatos que deplorou esse mal comum: esse sentimento provocou queixas também de homens ilustres. Daí aquela conhecida frase do maior dos médicos: “A vida [2] é breve, a arte é longa”. Daí também o questionamento de Aristóteles, nada conveniente para um homem sábio, quando protesta contra a natureza pelo fato de ela ter concedido aos animais uma vida tão longa que eles podem durar cinco ou dez gerações, e ao homem, criado para tantas e importantes realizações, ter estabelecido um [3] limite tão inferior. Não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito. A vida é longa o bastante e nos foi generosamente concedida para a execução de ações as mais importantes, caso toda ela seja bem aplicada. Porém, quando se dilui no luxo e na preguiça, quando não é despendida em nada de bom, somente então, compelidos pela necessidade derradeira, aquela que não havíamos [4] percebido passar, sentimos que já passou. É assim que acontece: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos; dela não somos carentes, mas pródigos. Tal como amplos e magníficos recursos, quando vêm para um mau detentor, são dissipados num instante, ao passo que, por mais modestos que sejam, se entregues a um bom guardião, crescem pelo uso que se faz deles, assim também a nossa existência é bastante extensa para quem dela bem dispõe.

[1] 2 Por que nos queixamos da natureza? Ela se revelou benigna: a vida será longa se souberes utilizá-la. No entanto, um é dominado por uma avareza insaciável, outro, por um empenho laborioso em tarefas inúteis; um vive impregnado de vinho, outro se entorpece na preguiça; este se vê

esgotado por uma ambição sempre dependente de julgamentos alheios; aquele, um desejo irrefreável de comerciar o conduz por todas as terras e todos os mares na esperança de lucro; a cobiça de feitos militares atormenta alguns, sempre empenhados em levar perigo a outros ou inquietos pelo próprio. Há os que, por voluntária servidão, se consomem na veneração ingrata <sup>[2]</sup> de seus superiores. Muitos se detiveram na busca da sorte alheia ou na lamentação da sua; a grande maioria, que nada persegue ao certo, foi lançada a novos projetos por sua frivolidade volúvel, inconstante e descontente consigo mesma; a alguns não agrada nenhuma meta para a qual possam direcionar seu percurso, mas o destino os surpreende entorpecidos e bocejantes, de tal modo que eu não duvidaria ser verdadeiro o que no maior dos poetas vem afirmado à maneira de um oráculo: “É diminuta a parte da vida que vivemos”. Realmente, todo o período restante <sup>[3]</sup> não é vida, e sim tempo. Por todo lado suas imperfeições os encaçam e circundam e não permitem que se reergam ou que levantem os olhos para discernir a verdade, mas os retêm submersos e fixados nos desejos. Nunca lhes é possível voltar-se para si mesmos. Se alguma vez lhes advém casualmente algum repouso, agitam-se, tal como em alto-mar, onde mesmo depois dos ventos subsiste a turbulência, <sup>[4]</sup> e jamais se veem desocupados de seus desejos. Achas que eu falo desses cujos males são incontestáveis? Olha aqueles para cuja felicidade todos acorrem: são sufocados pelos próprios bens. Para quantos as riquezas são opressivas! Quanto a eloquência de muitos e o encargo cotidiano de dar prova de seu engenho fazem verter sangue! Quantos empalidecem por seus prazeres contínuos! A quantos não deixou nenhuma liberdade o bando de clientes que os rodeia! Enfim, percorre todos esses, desde os mais humildes até os mais elevados: este invoca um defensor, aquele lhe presta assistência, um está em perigo, outro o defende, um outro o julga, ninguém reivindica ter a posse de si mesmo, um se consome por causa de outro. Informa-te sobre esses cujos nomes se conservam na memória; verás que eles são reconhecíveis pelas seguintes características: aquele é ligado a sicrano, este outro, a beltrano; ninguém pertence a si <sup>[5]</sup> próprio. Então é uma insensatez completa a indignação de alguns: eles se queixam do menosprezo dos que lhes são superiores porque não tiveram tempo para eles quando desejavam encontrá-los! Ousa queixar-se da soberba do outro alguém que para si mesmo nunca tem

tempo? Aquele, porém, mesmo com expressão insolente, olhou para ti, quem quer que sejas, ouviu tuas palavras, admitiu-te a seu lado: tu jamais te dignaste a te observar e a te ouvir. Assim, não há razão para que censures em alguém essas obrigações, posto que, na verdade, sempre que tu as cumprias, não é que desejavas estar com a outra pessoa, mas não podias estar contigo mesmo.

[1] 3 É possível que todos os talentos que alguma vez brilharam nisto concordem unânimes: nunca ficarão estupefatos o bastante diante dessa turvação das mentes humanas. Não toleram que suas propriedades sejam ocupadas por ninguém e, se há uma pequena disputa sobre a medida de seus limites, recorrem a pedras e armas; já em suas vidas consentem que outros se instalem, e até mesmo introduzem eles próprios os que vão ser os possesores dela. Não se encontra ninguém que queira repartir seu dinheiro; já sua vida, quanto cada um a distribui entre muitos! São mesquinhos na retenção do patrimônio; mas, tão logo se trate de gastar tempo, são extremamente pródigos com [2] a única coisa em relação à qual a avareza é honrosa. Eu gostaria de abordar uma pessoa dentre as mais idosas da seguinte maneira: “Vemos que tu chegaste a um estágio avançado da vida humana, pesam-te nas costas cem anos ou mais. Vamos, faz o cômputo de tua existência: calcula quanto desse tempo um credor, quanto uma amante, quanto um rei, quanto um cliente te subtraiu, quanto uma desavença conjugal, quanto o castigo dos escravos, quanto o obrigatório ir e vir pela cidade; acrescenta as doenças que nos causamos por nós mesmos, acrescenta também o tempo que se perdeu sem uso: verás que tu tens bem menos [3] anos do que enumeras. Repassa na memória, sempre que estiveste seguro de uma decisão tua, quão poucos dias decorreram tal como havias planejado, em que momento estiveste disponível para ti, quando tua face manteve expressão normal, quando tua alma se manteve impassível, que obra realizaste em uma vida tão longa, quantas pessoas saquearam tua vida sem que tu percebesse o que perdias, quanto te subtraiu uma tristeza inútil, uma alegria tola, uma cupidez voraz, uma conversa fútil, quão pouco te foi deixado do que era teu. Compreenderás que estavas morrendo prematuramente”.

[4] Qual é então a causa disso? Viveis como se sempre havereis de viver, nunca vos ocorreu vossa fragilidade, não observais quanto tempo já transcorreu. Desperdiçais como se de uma fonte plena e abundante,

quando, nesse ínterim, exatamente aquele dia que é doado a uma pessoa ou a uma tarefa talvez seja o último. Tendes medo de tudo <sup>[5]</sup> como mortais, desejais tudo como imortais. Tu vais ouvir muitos dizendo assim: “A partir dos cinquenta anos vou me retirar, aos sessenta me liberarei de minhas obrigações”. E quem tomas como fiador de uma vida tão longa? Quem irá aceitar que as coisas se passem tal como dispões? Não te envergonha reservar para ti essas sobras de vida e destinar ao aprimoramento da alma apenas esse tempo que não poderias empregar em mais nada? Quanto é tardio começar a viver só quando é hora de terminar! Que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram!

[1] 4 De homens os mais poderosos e elevados a uma alta posição verás escaparem palavras pelas quais desejam e louvam o tempo disponível para si mesmos, e o preferem a todos os demais bens. Por vezes desejam descer daquele fausto, desde que se possa fazê-lo em segurança. De fato, mesmo que nada a ataque ou abale, a fortuna por si mesma desmorona sobre si.

[2] O divino Augusto, que os deuses elevaram mais do que a nenhum outro, não deixou de solicitar repouso para si e de pedir afastamento da administração pública. Toda conversa sua sempre esteve voltada para este ponto: que ele esperava retirar-se. Porém, ele se distraía de suas fadigas com este doce consolo, mesmo que falso: o de que <sup>[3]</sup> um dia haveria de viver para si. Em uma carta enviada ao Senado, na qual prometera que seu repouso não estaria livre de uma função dignitária, nem seria discrepante de sua glória anterior, encontrei as seguintes palavras: “Mas isso pode ser mais ilusoriamente prometido do que realizado. No entanto, posto que a alegria real ainda demora, o desejo de um momento por mim tão almejado levou-me a experimentar de antemão algo desse prazer <sup>[4]</sup> pelo deleite de expressá-lo em palavras”. O ócio pareceu-lhe um bem tão grande que ele o tomou antecipadamente em pensamento, posto que pelo usufruto não podia. Ele que via todas as coisas subordinadas exclusivamente a si, ele que ditava a sorte de homens e nações, com toda alegria imaginava aquele dia em que haveria de despojar-se <sup>[5]</sup> de sua grandeza. Ele havia experimentado quanto suor produziam aqueles bens que brilhavam por todo o mundo, quantas preocupações encobriam: levado a combater

primeiro contra seus concidadãos, depois contra seus colegas, por fim, contra parentes, espalhou sangue por mar e por terra. Depois de ter circulado em guerra pelas províncias da Macedônia, Sicília, Egito, Síria, Ásia Menor e por quase todas as regiões do Império, ele direcionou para guerras externas os exércitos cansados do morticínio entre romanos. Enquanto pacifica os Alpes e doma inimigos que vieram a se integrar à plena paz imperial, enquanto estende as fronteiras além do Reno, do Eufrates e do Danúbio, na própria Roma afiavam-se contra ele as espadas de Murena, [6] Cepião, Lépido, Egnácio e de outros. Não havia ainda escapado das insídias desses opositores quando sua filha e tantos jovens nobres, entregues ao adultério como que a uma prática devocional, aterrorizavam sua idade já avançada, e ainda lulo e de novo uma mulher em temível união com um Antônio. Mal havia extirpado essas úlceras junto com os próprios membros, outras brotavam por baixo; tal como em um corpo com excesso de sangue, sofria-se sempre uma hemorragia em alguma parte. Assim, ele ansiava por retiro, em cuja esperança e projeção se acalmavam os seus sofrimentos. Esse era o voto daquele que podia satisfazer todos os votos.

[1] 5 Marco Cícero, fustigado entre Catilinas e Clódios, de um lado, e Pompeus e Crassos, de outro, aqueles, inimigos declarados, estes, amigos duvidosos, enquanto balança à deriva com a República e tenta detê-la em seu naufrágio, para no fim ser tragado com ela, nem tranquilo na prosperidade, nem capaz de tolerar as adversidades, quantas vezes não abomina até aquele seu consulado, [2] louvado por ele não sem motivo, mas sem limites! Que palavras lamentáveis ele exprime em uma epístola a Ático, depois de já derrotado Pompeu, o pai, quando então o filho procurava recompor na Hispânia suas forças dispersas! “Queres saber”, diz ele, “o que faço aqui? Permaneço semilivre em minha vila de Túsculo.” Outras palavras acrescenta, com as quais deplora a época anterior, queixa-se [3] da presente e desespera da que virá. Cícero se diz semilivre: mas, por deus, nunca um sábio recorrerá a um termo tão humilhante, nunca será semilivre uma pessoa de liberdade íntegra e sólida, independente, de pleno direito e mais elevada que as outras. Ora, o que pode estar acima daquele que está acima da fortuna?

[1] 6 Lívio Druso, homem atuante e enérgico, depois de fazer aprovar leis revolucionárias, malélicas como as dos Gracos, sob apoio maciço de

enorme grupo vindo de toda a Itália, sem ver claramente uma saída para sua política, que nem podia fazer avançar, nem, uma vez iniciada, era livre para abandonar, segundo se conta, execrava sua vida desde o início agitada, dizendo que só a ele nunca havia acontecido de ter alguns dias de descanso, nem mesmo quando rapaz. De fato, ainda adolescente e vestindo a pretexto, ousava fazer recomendações sobre réus diante dos juízes e exercer sua influência no foro, de modo realmente tão eficaz que há notícia de ele ter ganhado algumas <sup>[2]</sup> causas. Onde não iria dar tão prematura ambição? Era possível saber que essa audácia tão precoce resultaria em um mal enorme, fosse privado ou público. Assim, tarde ele se queixava de nunca ter tido férias, sendo desde rapaz sedicioso e molesto no foro. Discute-se se ele causou a própria morte; de fato, sucumbiu depois de repentinamente sofrer um ferimento na virilha. Se duvidavam alguns de ter sido voluntária sua morte, ninguém, de ter sido oportuna.

<sup>[3]</sup> Seria supérfluo mencionar muitas pessoas que, apesar de para os outros parecerem felicíssimas, deram contra si testemunho exato ao odiar toda atividade que emprenderam em seus anos. Mas, com tais lamentos, não modificaram nem os outros, nem a si próprias, pois seus sentimentos retornam ao padrão habitual logo depois de descarregados pelas palavras.

<sup>[4]</sup> Mas, por deus, vossa vida, ainda que se estenda por mais de mil anos, estará confinada em um período muito estreito: já os vícios não deixarão de devorar época alguma. De fato, é forçoso que logo vos escape esse espaço de tempo que é dilatado por via da razão, ainda que por natureza ele corra. Realmente não podeis apanhar nem reter ou retardar a mais veloz de todas as coisas, contudo permitis que ela se vá como algo supérfluo e renovável.

<sup>[1]</sup> 7 Ora, à frente de todos coloco aqueles que não têm tempo para nada, exceto para o vinho e os prazeres, pois ninguém tem ocupação mais torpe. Outros, mesmo quando dominados por uma imagem vã de glória, ao menos se equivocam faustosamente. Ainda que me enumeres homens avarentos ou iracundos, ou os que se obstinam em ódios injustos ou em guerras, todos esses erram com bastante virilidade: é desonrosa a degradação dos que se devotam ao <sup>[2]</sup> ventre e aos prazeres. Examina o tempo total dessas pessoas, olha quanto dele empregam em fazer cálculos, quanto em armar ciladas, quanto em rechar, quanto em adular, quanto em ser aduladas,



quanto as ocupam os processos judiciais, seus e os dos outros, quanto os jantares, que já se incluem entre seus deveres: verás como nem seus males, nem seus bens não lhes permitem tempo nem de respirar.

[3] Enfim, é consenso que nenhuma atividade pode ser bem exercida por um homem ocupado, nem eloquência, nem estudos liberais, dado que seu espírito sobrecarregado não absorve nada de modo mais profundo, mas rejeita tudo como se lhe tivesse sido imposto. Nada é menos peculiar do homem ocupado do que viver. Não há coisa mais difícil de saber do que viver. São comuns e numerosos os que professam outros conhecimentos, alguns dos quais até mesmo crianças parecem ter tão perfeitamente aprendido que também podem ensinar. É preciso durante toda a vida aprender a viver e, o que talvez cause maior admiração, [4] é preciso durante toda a vida aprender a morrer. Muitos homens, dos mais importantes, tendo se desvencilhado de todos os seus entraves, posto que haviam renunciado a riquezas, cargos, prazeres, até o fim de seus dias trataram apenas disto: de saber viver. E, no entanto, muitos deles deixaram a vida depois de confessar que ainda não tinham tal conhecimento, de modo que menos ainda o têm esses outros [5] que mencionei. Acredita-me, é próprio de um grande homem, daquele que está acima dos erros humanos, não permitir que tomem nada de seu tempo, e é por isto que a vida dele é muito longa: porque todo o tempo que lhe esteve disponível foi inteiramente reservado para si. Dele nada ficou sem uso e ocioso, nada esteve na dependência de outra pessoa, pois ele não encontrou nada que fosse digno de permutar por seu tempo, sendo dele um guardião bastante parcimonioso. Assim, o tempo foi para ele suficiente, mas é forçoso que tenha faltado para aqueles de cuja vida muito foi levado por uma multidão.

[6] Nem é o caso de pensares que eles por vezes não se dão conta de seu dano: certamente ouvirás muitos desses que suportam o peso de uma grande prosperidade vez por outra exclamarem, no meio de um bando de clientes ou de ações processuais ou de outras honrosas misérias: “Não tenho o [7] direito de viver”. Como poderias tê-lo? Todos aqueles que te invocam para si furtam-te de ti. Aquele réu, quantos dias teus auferiu? Quantos aquele candidato? Quantos aquela velha, cansada de enterrar seus herdeiros? Quantos aquele que se finge de doente para atizar a cobiça dos que captam testamentos? Quantos aquele amigo poderoso, que vos tem

com vistas não à amizade, mas a seu séquito? Repito, faz um balanço e confere os dias de tua vida: verás que <sup>[8]</sup> te sobraram bem poucos e residuais. Há quem, depois de obter a magistratura que cobiçara, anseia por deixá-la, logo dizendo: “Quando é que vai acabar este ano?”. Outro patrocina os espetáculos públicos, que ele muito apreciou lhe terem sido sorteados, e então indaga: “Quando me livrarei disso?”. Aquele outro é um advogado disputado por todo o foro, e o faz lotar com grande multidão, para além de onde pode ser escutado: “Quando”, diz ele, “é que virá o período de recesso?”. Cada um apressa sua vida e sofre a ânsia do <sup>[9]</sup> futuro e o tédio do presente. Mas aquele que emprega todo tempo em seu proveito, que dispõe cada dia como se fosse o último, nem anseia pelo dia seguinte nem o teme. De fato, que novo deleite já lhe poderia trazer uma hora qualquer? Tudo lhe é conhecido, tudo foi por ele experimentado até a saciedade. Do restante a fortuna disponha como quiser: a vida dele já está em segurança. É possível acrescentar-lhe algo, mas nada subtrair, e acrescentar-lhe, assim como a quem já está saciado e cheio, um alimento que ele pega sem <sup>[10]</sup> desejar. Então, não há motivo para pensares que alguém viveu longamente só por causa dos cabelos brancos ou das rugas: ele não viveu longo tempo, mas existiu longo tempo. É como se pensasses que navegou muito quem uma terrível tempestade surpreendera na saída do porto, impelindo-o para um lado e outro sob ventos furiosos de diversas direções, e fazendo-o deslocar-se em círculo pelos mesmos lugares. Ele não navegou muito, mas foi muito fustigado.

[1] 8 Fico sempre admirado quando vejo alguns solicitarem o tempo de outros e estes, aos quais se solicitou, o concederem muito facilmente. Ambos levam em conta aquilo para o que se solicitou tempo, mas nenhum dos dois o próprio tempo: é como se fosse nada o que se solicita, nada o que se concede. Joga-se com a coisa mais preciosa que existe. Engana-os, porém, o fato de tratar-se de algo incorpóreo, o fato de não ser aparente aos olhos, sendo-lhe por isso atribuído muito pouco valor, ou mesmo valor <sup>[2]</sup> quase nulo. As pessoas recebem com muito prazer pensões e auxílios, e nisso colocam seu empenho, atenção ou cuidados; ninguém valoriza o tempo. Usam-no com toda displicência, como se nada valesse. Mas verás essas mesmas pessoas, quando doentes, tocar os joelhos dos médicos se delas tiver se aproximado um risco iminente de morte, ou dispostas a despendar todo seu patrimônio para preservar sua vida se

temem uma pena capital, tamanha é a discrepância <sup>[3]</sup> de seus estados psíquicos. Mas, se fosse possível expor a cada um, do mesmo modo que a soma de seus anos passados, igualmente a de seus anos futuros, como ficariam alarmados de ver que lhes teriam restado poucos! Como os poupariam! Ora, é fácil gerir aquilo que, apesar de exíguo, é certo; com mais cuidado se deve conservar o que não se sabe quando irá faltar.

[4] Porém, não há razão para pensar que eles ignoram quão precioso é o tempo: costumam dizer àqueles que mais amam que estariam dispostos a lhes dar uma parte de seus anos. Eles dão sem o perceber; dão, contudo, de modo que subtraem de si sem haver incremento para aqueles. Mas o próprio fato dessa subtração ignoram; por isso lhes <sup>[5]</sup> é tolerável o dano de um prejuízo inaparente. Ninguém vai restituir os teus anos, ninguém vai devolver-te de novo a ti mesmo. A vida segue a trajetória que iniciou e não retrocede ou detém seu curso. Não fará tumulto nem advertirá sobre sua velocidade: deslizará em silêncio. Ela não se prolongará por ordem de um rei, nem pelo favor do povo; transcorrerá do modo como foi determinada desde seu primeiro dia, não sofrerá nenhum desvio, nenhum retardo. O que irá acontecer? Tu estás ocupado, a vida se apressa; nesse ínterim, a morte irá chegar, para a qual, querendo ou não, terás de ter tempo.

[1] 9 Pode haver algo mais insensato do que o pensamento de algumas pessoas? Digo aquelas que se jactam de sua prudência. Estão empenhadamente ocupadas para que possam viver melhor; planificam sua vida com dispêndio de vida. Dispõem seus planos num longo prazo. Ora, mas a maior perda de vida é a protelação: esta nos arranca um dia após o outro, rouba-nos o presente enquanto promete o futuro. O maior obstáculo à vida é a expectativa, que fica na dependência do amanhã e perde o momento presente. Tu dispões o que está nas mãos da Fortuna, deixas de lado o que está nas tuas. Para onde olhas? Para onde te projetas? Tudo o que há de vir repousa na incerteza. Vive de imediato! [2] Proclama-nos o maior dos poetas, cantando esta fórmula salutar, como que inspirado por lábios divinos:

*Para os tristes mortais, os melhores dias da vida  
são sempre os que fogem primeiro. (Virgílio, Geórgicas III, 66-7)*

“Por que tardas?”, diz ele. “Por que ficas parado? Se não o utilizas, ele escapa.” E, mesmo que o utilizes, ele escapará. Assim, deve-se velozmente lutar contra a rapidez do tempo disponível para nós, e como que logo beber de uma rápida torrente que não há de fluir para sempre. [3] Isso também diz o poeta à perfeição para censurar uma indecisão infinita, pois diz não “as melhores épocas”, e sim “os melhores dias”. Por que é que, seguro e indolente, em meio a tão intensa fuga do tempo, estendes em uma longa série os teus meses e anos, do modo que bem pareceu à tua avidez? Ele te fala do dia, e exatamente deste que está [4] em fuga. Há então alguma dúvida de que os melhores dias são os primeiros a fugir para os tristes mortais, isto é, para os ocupados? Seus espíritos ainda pueris são oprimidos pela velhice, à qual eles chegam desavisados e indefesos. De nada se precaveram: caíram nela de súbito e desprevenidos, sem terem percebido que diariamente ela [5] se aproximava. Assim como uma conversa, uma leitura ou uma reflexão mais profunda distrai os que estão em viagem, e eles se dão conta de que chegaram antes de ter notado que se aproximavam, assim também este trajeto de nossa vida, contínuo e tão rápido, que percorremos com o mesmo passo, em vigília ou dormindo, não é aparente para as pessoas ocupadas, exceto no fim.

[1] 10 Se eu quiser dividir em partes e em argumentos a tese que proponho, vão me ocorrer muitos pelos quais poderia provar que é brevíssima a vida das pessoas ocupadas. Fabiano, que não era um desses filósofos de cátedra, mas um daqueles verdadeiros e antigos pensadores, costumava dizer que contra os transtornos passionais é preciso lutar com força, não com argúcias, e repelir uma frente de ataque não com pequenas escaramuças, mas com uma investida dura; esses transtornos deveriam ser esmagados, não sofrer meras escoriações. No entanto, para que àquelas pessoas se repreenda o seu desatino, deve-se instruí-las, não simplesmente lamentá-las.

[2] A vida divide-se em três períodos: o que se foi, o que está sendo e o que há de vir. Desses, o que estamos atravessando é breve, o que havemos de atravessar é duvidoso, o que já atravessamos é certo. É este último de fato aquele sobre o qual a fortuna perdeu seu direito, o qual não pode ser reconduzido ao arbítrio de ninguém. Esse período os ocupados o perdem, pois não lhes sobra tempo para examinar o passado, e, se lhes sobrasse, seria desagradável a recordação de algo que lhes causaria [3]

arrependimento. Assim, a contragosto consideram o tempo mal gasto, nem ousam recordar os momentos cujos vícios, mesmo os que serpeavam sob o encanto de algum prazer momentâneo, se mostram pelo reexame. Ninguém voltará de bom grado seu olhar ao passado, exceto quem submete todos os seus atos à própria censura, que nunca se deixa <sup>[4]</sup> enganar. Quem avidamente muito cobiçou, desprezou com soberba, venceu com insolência, enganou com insídias, roubou por cupidez, prodigamente dissipou, é forçoso que tema a própria memória. Ora, essa é a parte sagrada e intocável de nosso tempo, posta acima de todos os reveses humanos, subtraída ao reino da Fortuna, e que nem a penúria, nem o medo, nem o ataque de doenças podem atingir. Ela não pode ser conturbada nem tirada: a posse dela é perpétua e sem receios. Somente um a um os dias se mostram presentes para nós, e ainda fracionados em momentos. Porém, todos os dias do passado, tão logo ordenares, estarão diante de ti, a teu arbítrio irão deixar-se examinar detidamente; isso os <sup>[5]</sup> ocupados não têm tempo de fazer. É próprio de uma mente segura e tranquila percorrer todos os períodos de sua vida; as almas dos ocupados, como se estivessem atadas sob o jugo, não podem virar-se e olhar para trás. Portanto, a vida deles desaparece num abismo e, tal como de nada adianta verter líquido até a borda de um recipiente, se embaixo não há fundo que o receba e conserve, assim também não importa quanto tempo nos é concedido, se não há lugar onde ele possa depositar-se, se ele vaza por trincas e perfurações <sup>[6]</sup> de nossas almas. É brevíssimo o tempo presente, a ponto mesmo de que para alguns pareça inexistente. Está de fato sempre em curso, flui com rápida vazão, deixa de existir antes de chegar, não admite retardo, é tal qual o universo e os astros, cujo movimento sempre incansável nunca se detém no mesmo ponto. Portanto, aos ocupados diz respeito somente o tempo presente, que é tão breve que não se pode apreendê-lo, e mesmo este é subtraído deles por estarem divididos em muitas atividades.

<sup>[1]</sup> 11 Em suma, queres saber quão pouco tempo eles vivem? Olha quanto desejam viver longo tempo. Velhos decrépitos mendigam em suas preces o acréscimo de uns poucos anos. Fingem ser mais novos, lisonjeiam-se com essa mentira e iludem-se tão prazerosamente quanto se junto com eles enganassem o destino. Porém, já quando alguma enfermidade os advertiu de sua condição mortal, quão apavorados eles morrem, não como se

deixassem a vida, mas como se fossem arrancados! Gritam que foram estúpidos por não terem vivido e que, se acaso tiverem escapado daquele estado enfermo, viverão retirados de suas atividades. Então, refletem quão inutilmente amalharam aquilo que não viriam a usufruir, quanto todo seu esforço <sup>[2]</sup> caiu no vazio. Mas, para aqueles que levam uma vida longe de qualquer atribulação, por que não seria ela duradoura? Nenhuma parte dela é usurpada, nenhuma é dispersa aqui e ali, nenhuma se perde por negligência, nenhuma é dissipada com largueza, nenhuma é supérflua; toda ela, digamos assim, é rentável. Desse modo, por breve que seja, ela é plenamente suficiente, e por isso, quando vier o último dia, o sábio não hesitará em caminhar para a morte com passo firme.

<sup>[1]</sup> 12 Talvez perguntes quem são os que eu chamo de ocupados. Não há por que pensares que me refiro só àqueles que são expulsos da basílica por cães enfim lançados contra eles, aqueles que vês faustosamente espremidos no meio da multidão dos próprios clientes, ou, de modo degradante, no meio de grupo alheio, aqueles cujas obrigações os fazem sair de suas casas para bater à porta de outros, aqueles a quem os leilões realizados pelo pretor deixam atarefados em razão de um lucro infame e que um <sup>[2]</sup> dia há de apodrecer. Para alguns, o tempo que têm para si é cheio de ocupações: em sua propriedade no campo ou em seu leito, em meio à solidão, mesmo que afastados de todos, são molestos a si próprios. Não se deve dizer que é ociosa a vida deles, mas uma indolente ocupação. Tu chamas de ocioso aquele que, com minucioso apuro, enfileira bronzes de Corinto, preciosos por causa da insânia de uns poucos, e consome a maior parte do dia com pedaços de cobre azinhavrados? Aquele que se senta diante dos ringues — realmente, que afronta!, padecemos de vícios que nem sequer são romanos! — e torce por uns rapazotes lutadores? Aquele que separa os grupos de suas crias em pares, segundo a idade e a cor, que faz alimentar <sup>[3]</sup> seus atletas mais recentes? Como? Chamas de ociosos os que passam muitas horas no cabeleireiro, durante as quais lhes aparam o que cresceu na noite anterior, discute-se sobre cada fio de cabelo, arrumam as mechas desalinhasadas ou as juntam sobre a fronte se estão faltando aqui e ali? E como se enfurecem se o cabeleireiro foi um pouco descuidado demais, como se fossem de um homem os cabelos que ele estava aparando! Como se irritam se algo foi cortado de sua juba, se algo dela se assentou fora de ordem, se ela toda não tem bom caimento em

cachos! Qual desses homens não preferiria que se pusesse em desordem antes a República que seus cabelos? Qual não estaria mais preocupado com a beleza do que com a saúde de sua cabeça? Qual não preferiria estar mais bem penteado em lugar de ser mais honesto? É a esses que tu chamas de ociosos, que vivem ocupados entre o pente e o espelho? [4] Que dizer daqueles que, empenhados em compor, ouvir e aprender canções, contorcem a voz com inflexões de uma entonação absolutamente inepta — cuja correta emissão a natureza fez ser a melhor e a mais simples — e que estão sempre estalando os dedos, para marcar o compasso de algum canto que modulam interiormente, e dos quais se escuta um tácito cantarolar, mesmo quando são chamados a tomar parte em assuntos sérios, muitas vezes até tristes? Essas pessoas não usufruem de seu tempo, mas se ocupam [5] de nulidades. Seus jantares, por deus, eu não os colocaria entre seus momentos de pausa, quando vejo com que preocupação dispõem a prataria, com que diligência fazem arregaçar as túnicas de seus escravos eunucos, quão ansiosos com relação a como ficou o javali preparado pelo cozinheiro, com que rapidez, a um sinal dado, aqueles pajens depilados atendem à mesa, com quanta destreza as aves são cortadas em pedaços não desiguais, o cuidado com que tristes moleques limpam os restos cuspidos por convivas bêbados. É disso que lhes vem a fama de elegância e refinamento, e a tal ponto seus vícios os acompanham em todos os âmbitos de sua vida, que não podem beber nem comer sem ostentação.

[6] Eu nem mesmo poderia enumerar entre os ociosos os que se fazem transportar aqui e ali em uma cadeira ou em uma liteira e se aprontam para as horas de seus passeios como se a estes não pudessem faltar; aqueles aos quais outra pessoa deve lembrar quando devem lavar-se, quando nadar, quando comer. A tal ponto se tornam lânguidas essas almas muito afetadas, que por si sós não podem saber [7] se têm fome. Ouço dizer que um desses afetados — se é que se deve chamar de afetação desaprender os hábitos humanos —, quando colocado em uma cadeira, depois de retirado do banho por várias mãos, interrogou: “Já estou sentado?”. Este, que ignora se está sentado, tu achas que ele sabe se vive ou se enxerga ou se está ocioso? Eu não poderia facilmente dizer qual das duas coisas me dá mais pena: o fato de ele não saber isso ou o de fingir não saber. [8] De muitas coisas tais pessoas realmente se esquecem, mas de muitas também simulam esquecer. Comprazem-se com alguns vícios como se fossem

prova de sua boa fortuna: saber o que se faz parece coisa de gente muito simples e desprezível. E vais agora achar que mentem os mimos em muitas de suas críticas ao luxo! Por deus! Eles omitem muito mais do que inventam, e tanto avançou, nesta nossa época, engenhosa apenas nisso, uma quantidade tão grande de vícios inacreditáveis, que já podemos denunciar os mimos por negligência. É impensável haver alguém a tal ponto atolado nos prazeres que, para saber se está sentado, deve <sup>[9]</sup> fiar-se em outro! Ele, portanto, não é ocioso; deve-se-lhe dar outro nome: é um doente, ou melhor, um morto-vivo. É ocioso quem tem a percepção de seu ócio. Mas esse semimorto, a quem é necessária a indicação de alguém para perceber a posição do próprio corpo, como pode ser ele dono de algum momento de sua vida?

[1] 13 Seria longo percorrer exemplos de cada um daqueles cuja preocupação com jogos de tabuleiro ou com a bola ou com bronzear o corpo ao sol consumiu sua vida. Não são ociosos aqueles cujos prazeres exigem muito trabalho. Realmente ninguém duvidará de que produzem uma laboriosa nulidade os que se detêm no estudo de inúteis erudições literárias — essa legião já é grande também <sup>[2]</sup> entre os romanos. Foi dos gregos essa doença de indagar que número de remadores teria tido Ulisses, se primeiro teria sido escrita a *Ilíada* ou a *Odisseia*, além disso, se são do mesmo autor, e ainda outras coisas desse tipo, que, se alguém guarda para si, elas em nada ajudam sua consciência interior e, se as divulga, não iria parecer mais <sup>[3]</sup> douto, e sim mais tedioso. Eis que invadiu também os romanos esse desejo vão de aprender futilidades. Nesses dias ouvi alguém relatando quais ações teriam sido pela primeira vez realizadas por cada um dos comandantes romanos: a primeira batalha naval foi vencida por Duílio; o primeiro a ter exibido elefantes em um desfile triunfal foi Cúrio Dentato. Mas essas curiosidades, mesmo se não visam à verdadeira glória, ao menos giram em torno de exemplos de atos cívicos. Não é proveitoso tal conhecimento, no entanto é capaz de nos deter pela fútil <sup>[4]</sup> atração de seu conteúdo. Desculpemos aqueles que investigam também isto: quem teria primeiro convencido os romanos a embarcar em um navio — teria sido Cláudio, por isso mesmo cognominado Cádice, dado que, entre os antigos, se chamava cádice a junção de várias tábuas, de onde se denominam códices as tábuas legislativas, e ainda agora as embarcações que transportam provisões



pelo Tibre são, desde antigo uso, chamadas de “*codicariae*”. [5] É certo que possa ter interesse também o fato de que Valério Corvino foi quem primeiro venceu Messana, e o primeiro da família dos Valérios a ser chamado Messana por ter lhe sido transferido o nome da cidade vencida; e, com a gradual alteração da pronúncia popular, veio a ser chamado Messala. Poderás talvez permitir que alguém se ocupe também com o fato de Lúcio Sula ter sido o primeiro a exhibir no circo leões soltos — quando, ao contrário, eram exibidos acorrentados —, isso depois de o rei Boco ter lhe enviado atiradores para abatê-los? E é certo que se deveria relevar [6] igualmente o seguinte: acaso diz respeito a algo de bom o fato de Pompeu ter sido o primeiro a apresentar no circo uma luta de dezoito elefantes, tendo como oponentes homens indefesos, à imitação de um combate? Como principal cidadão e, segundo a fama, estando entre os antigos líderes de notável bondade, ele julgou um tipo de espetáculo digno de memória abater homens de uma nova maneira. Combate mortal? É pouco. Laceração? É pouco: sejam esmagados [7] sob uma massa imensa de animais. Era preferível que isso caísse no esquecimento, para que depois nenhum potentado viesse a aprender e a invejar ato tão desumano. Ah! quanta cegueira uma grande fortuna lança a nossas mentes! Ele então acreditou estar acima da natureza ao lançar um bando tão numeroso de infelizes a feras nascidas sob outros céus, ao atizar uma guerra entre animais tão díspares, ao fazer derramar tanto sangue diante do povo romano, ele que em breve iria forçá-lo a verter ainda mais. Ele mesmo, porém, enganado depois pela perfídia alexandrina, entregou-se a um escravo ínfimo cujo golpe o trespassou; só então compreendeu a jactância fútil de seu cognome.

[8] Mas, para voltar ao ponto de onde me afastei e, ainda nesse campo, mostrar a supérflua diligência de alguns, a mesma pessoa contava que Metelo, depois da vitória sobre os cartagineses na Sicília, durante seu triunfo foi o único de todos os romanos a ter conduzido à frente de seu carro cento e vinte elefantes capturados; que Sula foi o último dos romanos a ter ampliado o pomério, o qual, entre os antigos, nunca foi costume ampliar após a anexação de um território provincial, mas apenas de um itálico. Saber isso acaso seria mais útil do que saber que o monte Aventino estaria fora do pomério, como afirmava ele, por uma destas duas razões: ou porque a plebe teria se retirado para ali, ou porque, quando

Remo realizou os auspícios naquele local, o voo das aves não teria sido favorável, e mais outros fatos incontáveis que ou são falsos ou parecem invenções? [9] Ainda que concedas que falam de boa-fé tudo isso, ainda que deem garantia do que escrevem, no entanto, essas informações diminuirão os erros de quem? Vão conter os desejos de quem? A quem farão mais corajoso, a quem mais justo, a quem mais generoso? O meu caro Fabiano dizia que às vezes duvidava se era melhor não se aplicar a estudo algum do que se envolver com os desse tipo.

[1] 14 De todos os homens, só os que estão disponíveis para a sabedoria são os “ociosos”, só eles vivem, pois não apenas de seu tempo de vida são bons guardiões, mas acrescentam a este toda a eternidade. Todos os anos que passaram antes deles foram-lhes creditados. Se não somos em absoluto ingratos, aqueles tão preclaros fundadores de doutrinas sagradas nasceram para nós, prepararam a vida para nós. Por um trabalho alheio, somos conduzidos até as mais belas ideias, tiradas das trevas para a luz. Nenhuma época nos está vetada, temos acesso a todas, e se por meio da magnitude da alma desejamos sair das estreitezas da debilidade humana, há um espaço enorme de tempo para [2] percorrermos. É possível discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, repousar com Epicuro, vencer com os estoicos a natureza humana, com os cínicos ultrapassá-la. Já que a natureza nos permite participar de qualquer época, por que não nos voltarmos por inteiro deste exíguo e cadente trânsito temporal para aqueles períodos que são imensos, que são eternos, que são compartilhados com mentes melhores?

[3] Esses que correm de um compromisso para outro, que inquietam tanto a si como os demais, depois de enlouquecer totalmente, depois de diariamente perambular pelas soleiras de todos, sem preterir nenhuma porta aberta, depois de fazer circular sua saudação interesseira por residências em locais os mais diversos, quão pouca gente eles poderão ver de uma [4] cidade tão imensa e enredada em variados desejos? Quantos haverá cujo sono ou desregramento ou grosseria irá barrá-los! Quantos haverá que, depois de longa e torturante espera, passarão por eles simulando pressa! Quantos evitarão aparecer no átrio repleto de clientes e escaparão por passagens secretas de sua casa, como se fosse menos grosseiro driblar do que não receber! Quantos, sonolentos e pesados pela farra da véspera, num bocejo de extrema arrogância, mal relaxando os

lábios repetirão o nome, que lhes fora mil vezes sussurrado, daqueles coitados que interromperam o próprio sono para esperar o de outro!

[5] Podemos dizer que se aplicam a obrigações verdadeiras aqueles que em sua intimidade vão querer estar diariamente com Zenão, com Pitágoras, com Demócrito e com os outros mestres de sabedoria, com Aristóteles e Teofrasto. Nenhum desses vai deixar de estar disponível, nenhum vai despedir quem vier a ele sem torná-lo mais feliz e mais afeiçoado a si, nenhum vai permitir que alguém se despeça dele com as mãos vazias; podem ser encontrados de noite ou de dia por todos os mortais.

[1] 15 Nenhum deles te obrigará a morrer, todos te ensinarão; nenhum deles vai consumir os teus anos, mas te darão os seus em contribuição; de nenhum deles será perigosa a conversa, de nenhum será fatal a amizade, de nenhum onerosa a deferência. Levarás deles tudo o que quiseses; deles não dependerá que lhes tires o máximo que [2] possas conter. Que felicidade, que bela velhice aguarda quem se juntou à clientela deles! Terá com quem refletir sobre questões desde as menos até as mais importantes, a quem consultar diariamente sobre si próprio, de quem ouvir a verdade sem ofensa, elogio sem adulação, terá exemplos a cuja semelhança moldar-se.

[3] Costumamos dizer que não estava em nosso poder determinar os pais que nos caberia, dados a nós pelo acaso; mas nos é possível nascer por nosso arbítrio. Existem as famílias das mais renomadas mentes: elege à qual desejas agregar-te. Receberás não só seu nome, mas até seus bens, que não deverão ser guardados com mesquinhez e egoísmo; [4] quanto mais os compartilhares, maiores se tornarão. Esses pensadores é que te darão uma via para a eternidade e te elevarão até aquele plano do qual ninguém decai. Esse é o único meio de prolongar a condição mortal, e até mesmo de convertê-la em imortalidade. Honras, monumentos, tudo o que por decretos a ambição impôs ou por seus esforços erigiu é logo destruído, nada uma velhice prolongada deixa sem demolir e remover. Mas ela não pode causar dano àquilo que a sabedoria consagrou. Nenhum lapso temporal poderá aboli-lo nem diminuí-lo; a época seguinte e a que sempre virá mais adiante contribuirão para venerá-lo, pois que de fato a inveja frequenta o que lhe está próximo, e de modo mais franco admiramos o que está situado longe. [5] Portanto, a vida do sábio é bastante extensa. Não há

para ele o mesmo limite que para os outros. Só ele está liberado das leis do gênero humano, todos os séculos estão submetidos a ele tal como a um deus. Transcorreu certo tempo: ele o abarca na memória; está em curso: ele o utiliza; está por vir: ele o antevê. O que torna longa sua vida é a concentração de todos os tempos em um único.

[1] 16 Brevíssima e demasiado angustiada é a vida daqueles que se esquecem do passado, negligenciam o presente e temem o futuro. Quando chegam a seus momentos derradeiros, tardiamente compreendem, os infelizes, que por tão longo [2] tempo estiveram ocupados em não fazer nada. Não há motivo para julgar que eles levam uma longa existência com base no argumento de que algumas vezes invocam a morte: atormenta-os a ignorância sobre suas emoções instáveis e que incidem exatamente sobre aquilo que lhes causa medo; é por isto que com frequência anseiam pela morte: porque [3] a temem. Também não há por que julgar como prova de que vivem longo tempo o fato de às vezes o dia lhes parecer longo, ou de se queixarem de que as horas passam lentamente até a chegada do momento indicado para o jantar. De fato, se alguma vez suas ocupações os abandonam, inquietam-se por terem sido deixados com tempo para si e nem sabem como dispor dele ou gastá-lo. Assim, lançam-se a qualquer ocupação e é enfadonho todo intervalo entre uma e outra. Da mesma maneira, quando se anunciou a data de uma luta gladiatória, ou quando se espera a que fora marcada para algum outro espetáculo ou diversão, querem pular os dias [4] que faltam. Para eles, toda demora do evento esperado é longa, mas aquele momento que amam é breve e fugaz e muito mais breve por causa da doença deles: de fato passam de um desejo para outro e não podem deter-se em um único. Os dias, para eles, não são longos, mas detestáveis. Porém, ao contrário, quanto lhes parecem curtas as noites que [5] passam nos braços de prostitutas ou no vinho. Daí também o delírio dos poetas, que com suas ficções alimentam os desatinos humanos, segundo os quais Júpiter, seduzido pelo prazer do sexo, teria duplicado a noite. Que outra coisa seria inflamar nossos vícios senão designar os deuses como seus autores e dar à nossa doença, pelo exemplo da divindade, uma licença justificada? Podem não lhes parecer muito breves as noites que eles compram tão caro? Perdem o dia na espera da noite; a noite, no temor da alvorada.

[1] 17 Mesmo os seus prazeres são trépidos e perturbados por vários temores e, bem quando estão mais exultantes, sobrevém-lhes um pensamento inquietante: “Quanto tempo vai durar?”. Por causa desse sentimento, reis lamentaram seu poderio, e não os deleitou a grandiosidade de sua boa fortuna, mas os aterrorizou o fim que um dia lhe adviria. [2] Ao estender seu exército ao longo de vastas campinas, sem poder perceber seu número, mas só sua dimensão, o mais insolente dos reis persas derramou lágrimas porque em cem anos ninguém restaria daquela tão numerosa massa de jovens. Mas ele próprio, que chorava, estava prestes a movê-los para seu destino e a fazer uns perecerem no mar, outros em terra, uns em combate, outros em fuga, e, num exíguo espaço de tempo, haveria de aniquilar aqueles por cujo centésimo ano ele temia.

[3] E por que é que são receosas também suas alegrias? É que elas não se apoiam em motivos sólidos, mas são conturbadas pela mesma inconsistência da qual se originam. Por outro lado, como pensas que são os momentos que eles próprios admitem como tristes, uma vez que também aqueles alegres, com os quais se exaltam e se transportam acima dos homens, [4] são tão pouco genuínos? Todos os seus maiores bens são motivo de inquietação e em sorte alguma é pior confiar do que na melhor delas: para salvaguardar a felicidade, é preciso outra felicidade, e deve-se fazer votos pelos próprios votos alcançados. De fato, é instável tudo o que nos advém de modo fortuito e, quanto mais elevada é uma situação, tanto mais está exposta à queda. Ora, a ninguém agrada a iminência de uma queda. Portanto, é por força a mais desditosa, não somente a mais breve, a vida daqueles que, com enorme esforço, adquirem algo que deverão possuir com esforço [5] ainda maior. Laboriosamente conseguem o que desejam; conservam angustiados o que conseguiram. Nesse ínterim, não se faz nenhuma reflexão sobre o tempo, que nunca mais vai tornar atrás. Novas ocupações substituem-se às antigas, uma esperança desperta outra, uma ambição, outra ambição. Não se busca o fim da infelicidade, muda-se-lhe a fonte. Os nossos cargos nos torturaram: mais tempo nos tomam os dos outros; deixamos de penar como candidatos: iniciamos como partidários de outros; desobrigamo-nos do aborrecimento de acusar: deparamos com o de julgar; deixou-se de ser membro do júri: passa-se a presidi-lo; envelheceu-se na administração remunerada de bens alheios:

[6] é hora de ocupar-se das próprias riquezas. Mário deixou a farda: exerce o consulado. Quíncio apressa-se a escapar do cargo de ditador: será reconvocado a largar do arado. Cipião marchará contra os cartagineses ainda sem estar maduro para tamanha empresa; vencedor de Aníbal, vencedor de Antíoco, glória de seu consulado, garantia do de seu irmão, não fosse ele próprio a opor-se, seria colocado ao lado de Júpiter. Salvador da pátria, as lutas civis o perseguirão e, depois de desprezar, quando jovem, honras iguais às dos deuses, quando velho terá prazer em ambicionar um exílio ativo. Para inquietudes nunca faltarão motivos, ou felizes ou tristes. A vida irá se arrastar entre as ocupações. O tempo para si nunca será uma realidade, mas sempre um desejo.

[1] 18 Separa-te então do vulgo, meu caríssimo Paulino, e depois de uma travessia agitada, não proporcional a teus anos, retira-te enfim para um porto bem tranquilo. Pensa quantas vagas afrontaste, quantas tempestades, de um lado, suportaste na vida privada, quantas, de outro, provocaste contra ti na vida pública. Já bastante se mostrou o teu valor por provas laboriosas e turbulentas; experimenta o que ele pode realizar no ócio. A maior parte de tua vida, certamente a melhor, foi destinada à vida pública; toma um [2] pouco do teu tempo também para ti. Não te chamo para um repouso estéril ou inerte, não para que no sono e nos prazeres caros à turba mergulhes toda a índole vigorosa que há em ti; isso não é repousar. Encontrarás atividades mais importantes do que todas as que até agora diligentemente [3] exerceste, as quais empreenderás retirado e tranquilo. Tu realmente administras os recursos do orbe romano com o mesmo respeito que os alheios, com mesmo zelo que os teus, com o mesmo escrúpulo que os do Estado. Consegues estima em um cargo em que é difícil evitar o ódio. No entanto, acredita-me, mais vale saber gerenciar a própria [4] vida do que os celeiros estatais. Esse teu ânimo vigoroso, plenamente capaz das mais altas realizações, resgata-o desse ofício sem dúvida honroso, mas pouco adequado a uma vida feliz, e reflete que tu não te empenhaste desde a primeira infância no estudo das artes liberais para que te fossem confiados milhares de toneladas de grãos; deras promessa de algo maior e mais elevado. Ademais, não faltarão homens de integridade comprovada e de laborioso empenho. São bem mais aptos para o transporte de cargas os lerdos jumentos do que os cavalos de raça; quem alguma vez oprimiu com um fardo pesado a agilidade de um [5]

puro-sangue? Reflete, além disso, sobre quanta preocupação envolve pôr-te à frente de tamanho encargo: lidas com o ventre humano. O povo esfomeado não aceita razões, nem se acalma com o que é justo, nem se dobra por nenhum apelo. Bem recentemente, poucos dias depois que morreu Caio César — sofrendo profundo desagrado (se é que nos infernos os mortos têm algum sentimento) por ver que, sobrevivendo-lhe o povo romano, restavam-lhe provisões para pelo menos sete ou oito dias, ele que então estendia pontes de navios em fila e se divertia com as reservas do império —, apresentava-se o pior dos males diante de nós, do mesmo modo que se estivéssemos sitiados: a escassez de alimentos. A imitação de um rei ensandecido, estrangeiro e desgraçadamente arrogante custou-nos quase o aniquilamento e a fome e, o que se segue à fome, um colapso [6] total. Que disposição de ânimo tiveram então aqueles que haviam sido encarregados de cuidar do abastecimento público de grãos, tendo de enfrentar pedras, ferro, incêndios e... Caio César? Com absoluta dissimulação encobriam tão grande mal ocultado nas vísceras do Estado, e evidentemente com razão, pois alguns males devem ser tratados mantendo-se desinformados os doentes; muitos morreram por conhecer sua doença.

[1] 19 Retira-te para essas ocupações mais tranquilas, mais seguras e maiores. Tu pensas que é a mesma coisa se cuidas para que o trigo seja transferido para os armazéns sem sofrer dano, quer seja por fraude, quer por negligência dos transportadores, para que não se estrague e fermente por retenção de umidade, para que corresponda à medida e ao peso, ou se, em vez disso, te ocupas desses estudos sagrados e sublimes, a fim de conhecer qual é a natureza de deus, qual a sua vontade, qual a sua condição, qual a sua forma, que destino aguarda tua alma, que lugar nos reserva a natureza depois de deixarmos nossos corpos, o que é que sustenta no centro do universo os corpos mais pesados, suspende no alto os leves, leva o fogo para a parte mais alta, impele os astros em suas trajetórias, e assim por diante, outros fenômenos [2] repletos de notáveis maravilhas? Queres tu deixar o chão para trás e contemplar pela mente essas coisas? Agora, enquanto o sangue está aquecido, os que têm vigor devem avançar para propósitos melhores. Aguarda-te, nesse modo de vida, grande número de belos conhecimentos, o amor e a prática das

virtudes, o esquecimento dos desejos, o saber viver e morrer, um estado de profunda paz.

[3] É triste realmente a condição de todas as pessoas ocupadas. No entanto, a mais triste é a daqueles que sofrem não pelas próprias ocupações, que dormem conforme o sono alheio, andam pelo passo alheio, amam e odeiam mediante ordens, sentimentos os mais livres de todos. Estes, se quiserem saber quanto é breve a própria vida, pensem que pequena parte é de fato sua.

[1] 20 Assim, quando vires alguém portando já com frequência a toga pretexta, ou um nome celebrizado no foro, não invejes: essas coisas se adquirem com prejuízo da vida. Para que um só ano seja datado pelo nome deles, irão consumir todos os seus anos. A uns, antes que lutassem pelo cume da ambição, a vida abandonou nos reptos preliminares; a outros, depois de haverem conquistado, por mil desonras, o remate das honras, sobreveio-lhes o triste pensamento de terem se fatigado por uma inscrição num sepulcro; de alguns, sua avançada velhice, como se fosse a juventude, ao se dispor a novas esperanças, sucumbiu [2] inválida em meio a grandes e insaciáveis esforços. Que feio é para alguém, já idoso, perder o fôlego no tribunal, em defesa de litigantes totalmente desconhecidos, enquanto faz a peroração e tenta captar expressões de assentimento de um público inepto; que degradante é para alguém, cansado mais de viver do que de trabalhar, desfalecer no meio de seus compromissos; que degradante é morrer durante a análise do livro de contas, sob o sorriso de um [3] herdeiro, mantido em longa espera. Não posso omitir um exemplo que me ocorre: Sêxtio Turânio foi um ancião de comprovada diligência, que, depois dos noventa anos, tendo recebido de Caio César, sem solicitação, a dispensa de seu cargo administrativo, mandou que o pusessem no leito e que sua família, em torno dele, o pranteasse como a um morto. A casa lastimava o retiro inativo de seu velho senhor e não pôs fim ao luto antes que o trabalho lhe fosse [4] restituído. Acaso é tão prazeroso morrer ocupado? Muitas pessoas apresentam esse mesmo estado de ânimo: seu desejo de trabalho tem duração maior que sua capacidade. Elas lutam com a debilidade do corpo e por nenhuma outra razão julgam pesada a velhice senão porque as exclui. A lei não mobiliza um soldado a partir dos cinquenta anos, não convoca um senador a partir dos sessenta; é mais difícil as pessoas obterem de si próprias a sua



retirada do que da lei. [5] Nesse meio-tempo, enquanto se deixam rapinar e rapinam, enquanto interrompem o repouso uns do outros, enquanto se fazem mutuamente infelizes, a vida é sem frutos, sem prazer, sem nenhum proveito para a alma. Ninguém tem a morte diante dos olhos, todos estendem longe as esperanças, alguns até mesmo dispõem as coisas para depois de sua vida: sepulcros grandiosos, dedicatórias em obras públicas, oferecimento de jogos fúnebres e exéquias ambiciosas de glória. O certo é que os funerais dessas pessoas, como se tivessem vivido muito pouco, deveriam ser conduzidos sob fachos e círios.

# Bibliografia

## TEXTO LATINO

REYNOLDS, L. D. L. *Annaei Senecae dialogorum libri duodecim. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit.* Oxford: Oxford University Press, 1977.

## TRADUÇÕES E ESTUDOS

GRIFFIN, M. T. *Seneca, a Philosopher in Politics.* Oxford: Oxford University Press, 1976.

SENECA. *Dialogues and Essays.* Tradução de J. Davie. Introdução e notas de T. Reinhardt. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SENECA, L. A. *Diálogos.* Introdução, notas e tradução de Carmen Cordoñer. Madri: Editora Nacional, 1984.

SENECA. *Dialoghi.* Org. de G. Viansino. *Lettere morali a Lucilio.* Org. de F. Solinas. Milão: Mondadori, 2008.

SENECA, L. A. *La brevità della vita, Sulla felicità, La tranquillità dell'animo.* Introdução de A. Traina, A. Schiesaro e G. Lotito. Trad. de A. Traina, D. Agonigi e C. Lazzarini. Texto latino a frontispício. Milão: Fabbri Editori, 2004 (1996).

SENECA, L. A. *La brevità della vita.* Introdução de Caterina Barone, prefácio, tradução e notas de Marco Ciceri, com um ensaio de Luciano Canfora. Milão: Garzanti, 2014.

SENECA, L. A. *La fermezza del saggio, La vita ritirata.* Introdução, tradução e notas de N. Lanzarone. Milão: BUR Rizzoli, 2010.

SENECA. *De breuitate uitae.* Org. de Tommaso Gazzarri. Milão: Mondadori, 2014.

SENECA, L. A. *Dialoghi morali.* Tradução de G. Manca. Introdução de C. Carena. Texto latino a frontispício. Turim: Einaudi, 1995.

SENECA. *Moral Essays.* Trad. de John W. Basore. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida.* Tradução, introdução e notas de William Li (edição bilíngue). São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

SÊNECA. *Sobre a providência divina, Sobre a firmeza do sábio.* Tradução, introdução e notas de Ricardo da C. Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SÊNÈQUE. *Entretiens; Lettres à Lucilius.* Trad. de A. Bourgery. Revisão da tradução, introdução e notas de P. Veyne. Paris: Robert Laffont, 1993.

## DICIONÁRIOS

GAFFIOT, F. (Ed.) *Dictionnaire latin-français.* Paris: Hachette, 1934.

LEE, G. M. et al. (Eds.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon, 1968.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon, 1958 (1879).

MONIZ, F. F. de S. (Org.). *Dicionário latim-português*. Porto: Porto Editora, 1966, 2001.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.